

Professores apontam deficiências do pré-escolar

Texto de Maria da Penha Gatti Sagrilo
Fotos de Eneás Mateus

“A comunidade capixaba ainda não tem conhecimento das necessidades infantis em termos de aprendizado. Ela acredita que a melhor escola para o filho é aquela mais sistematizada, com o conhecimento estimulado basicamente no papel, onde o uso corrente é a distribuição de exercícios mimeografados para os alunos preencherem. A alfabetização precoce, considerada aqui como domínio da leitura e da escrita é o critério de que se vale a maioria dos pais para julgar o desenvolvimento intelectual da criança”.

O comentário da pedagoga Lígia Maria Quintanilha Merhi, professora e diretora da escolinha Pingo de Gente em Vila Velha não é isolado. Ele reflete a preocupação cada dia maior dos educadores brasileiros em relação às inúmeras distorções no aprendizado infantil, principalmente no que diz respeito à área de educação pré-escolar, que agrega crianças de zero a seis anos de idade.

A afirmação da professora capixaba, ao mesmo tempo que critica uma situação que se verifica em maior grau nos municípios capixabas interioranos, demonstra o interesse desses profissionais na solução de problemas que afetam diretamente a criança em sua fase de vida mais importante para seu desenvolvimento completo como ser social. Não bastassem as reuniões, seminários e mesas-redondas sobre o assunto em todo país nos últimos anos, as obras de autores de diversas nacionalidades não deixam passar despercebido que o tema tem merecido atenção ilimitada.

MARGINALIZAÇÃO

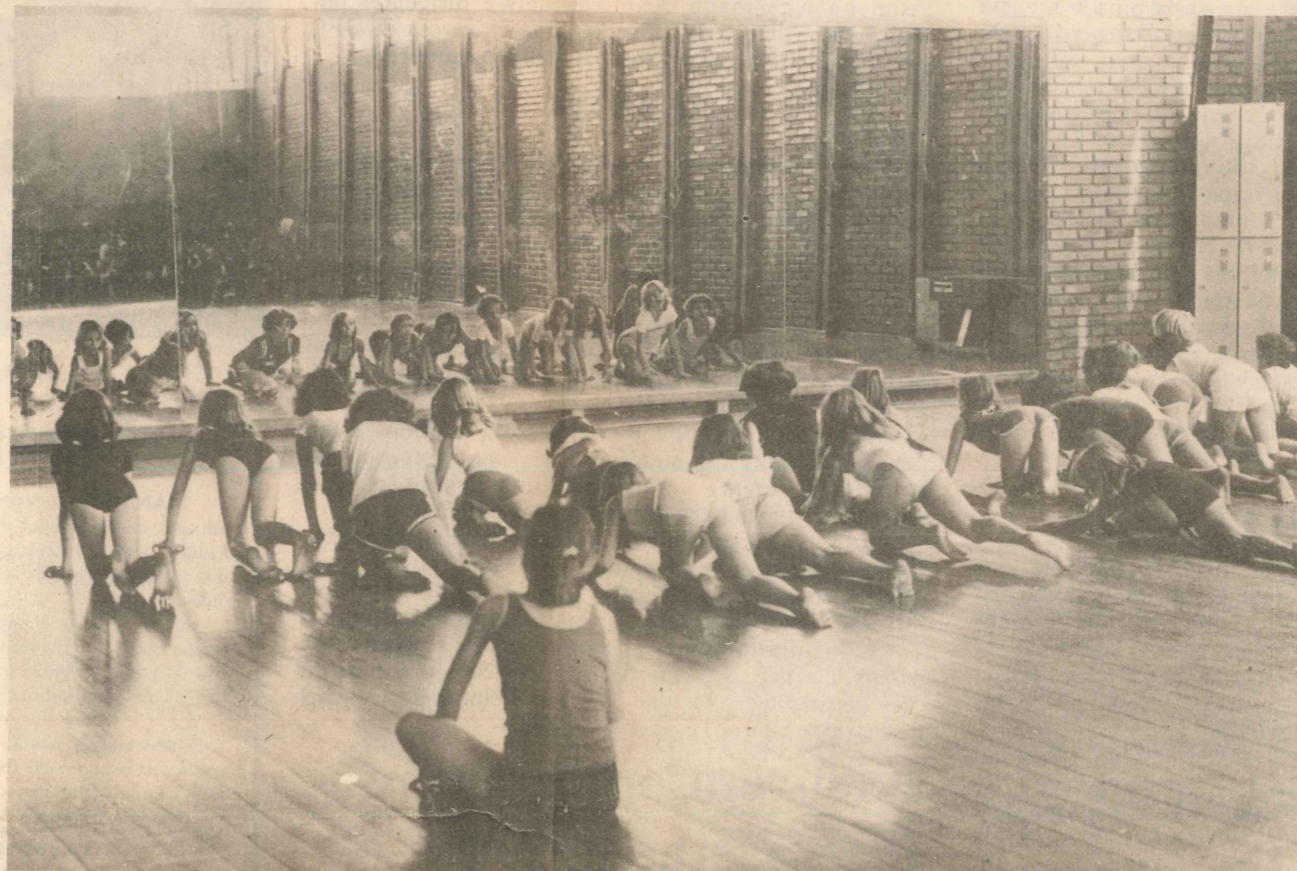
Em Vitória, mais precisamente em Vila Velha, desde o dia 14 estão reunidos especialistas de vários Estados brasileiros na área de educação infantil para discutir o assunto. E a quase totalidade das professoras inscritas trabalham com crianças na faixa até seis anos de idade. Dessas, raras são as que possuem cursos específicos para tratar de crianças nessa idade, contrariando até mesmo a orientação do Ministério de Educação e Cultura, que estabeleceu a carga horária para a especialista na área em 720 horas. A inexistência de institutos de educação no Estado, a exemplo do que acontece no Rio e São Paulo, onde estas instituições de ensino anualmente oferecem cursos de extensão para os professores interessados, juntamente com a desinformação e o desinteresse dos dirigentes das escolas pré-primário grau para a acomodação de alguns profissionais, formam as causas.

Por outro lado, qualquer instituição de ensino que eduque essas crianças de zero a seis anos segundo outras teorias (por exemplo, não alfabetizando no sentido tradicional antes dos seis anos) começa a sofrer um processo de marginalização e dificilmente as famílias aceitam colocar os filhos nessa escola que orientam com base em novas teorias de aprendizagem. “Tal sistematização, longe de atrasar o desenvolvimento intelectual da criança, permite que ela se desenvolva utilizando ao máximo suas potencialidades”, lembra Lígia Quintanilha.

FORMAÇÃO



Os exercícios físicos são às vezes mais importantes do que testes mimeografados.



Poucos professores rejeitam as normas atuais e aplicam a sistemática ideal para criança.

Desinteresse no plano municipal

Nas escolas municipais a situação não é muito diferente. “Dos professores da rede municipal de Vitória que participaram de um curso oferecido no ano passado sobre a problemática do menor de zero a seis anos de idade, poucas se mostraram interessadas em levar adiante o trabalho, apesar de todas elas possuírem cópia do projeto”, lembra Paulo Roberto Gomes.

Nos estabelecimentos particulares de Vitória o interesse é bem maior. No Sacre Coeur, por exemplo, o plano dos três professores de educação física para desenvolvimento global do menor é adotado integralmente e as diretoras do colégio já se mostraram interessadas na aplicação do projeto em mais salas de aulas, conclui.

Segundo dados da Secretaria de Educação, relativos ao exercício de 79, existem 30.180 crianças matriculadas nas escolas de pré-primário grau, assim distribuídas, no Maternal (0 a 3 anos) — 1.138; no Jardim (4 a 6 anos) — 15.190; nos centros de educação pré-escolar (além de 0 a 3, atende crianças de 4 anos) — 4.258 e nas classes de educação pré — (faixa dos 6 anos) — 9.594.

Em relação ao número de estabelecimentos de ensino, o número de escolas de 2º grau é praticamente o dobro das de educação pré-escolar. Para um total de 718 escolas de 1º grau, incluídas estaduais, municipais e particulares, as crianças de zero a seis anos dispõem de 362 locais para estudar, das quais 119 pertencem à rede particular de ensino. Os estabelecimentos municipais compõem o quadro com 75 escolas.

EM VITÓRIA

O aumento do índice de reprovação nas escolas de 1º grau despertou o interesse de inúmeros profissionais ligados à área de desenvolvimento infantil para o problema. Trabalhos recentes publicados demonstram que o progresso que as crianças menores fazem ao entrar para as escolas de 1º grau depende, em grande parte, de sua prontidão para aprender, definida prontidão como a soma total de características intrapessoais que aceleram ou retardam a aprendizagem. Pesquisadores ingleses ocupados com a questão (Hildreth e Griffiths) enumeram fatores vários, considerados principais na contribuição para a prontidão. Entre eles, aptidões e conhecimentos verbais, percepção visual, e auditiva, coordenação muscular e habilidades motoras, conhecimentos e a capacidade de seguir instruções mantendo atenção em um trabalho de grupo.

Ana Maria Poppovic, por sua vez, define prontidão para alfabetização como “ter um nível suficiente, sob determinados aspectos, para iniciar o processo da função simbólica que é a leitura e sua transposição gráfica, que é a escrita. Os aspectos que fazem parte deste processo, de modo geral, podem ser classificados em intelectuais, afetivos, sociais, físicos e funções específicas (linguagem, percepções, esquemas corporal, orientação espaço-temporal e lateralidade)”.

PAPEL FUNDAMENTAL

Levando em consideração os aspectos acima apontados, Paulo Roberto Gomes de Lima lembra que na aplicação do seu programa de desenvolvimento físico-motor da criança em fase pré-escolar, a preparação considera sempre o menor como um

Dois estudiosos sobre o assunto, em obra publicada em 1978, afirmam "que nesse período da vida da criança são relevantes todos os aspectos de sua formação, pois como ser bio-psico-social-cultural, dá os passos definitivos para uma futura escolarização e socialidade adequadas como membro do grupo social a que pertence. Nessa fase, a personalidade começa a consolidar-se e o auto-controle e a segurança começam a firmar-se. Um cuidado especial deve ser tomado pelos educadores para, de forma integral e harmônica, desenvolverem personalidades ajustadas, equilibradas, fundamento essencial para a boa formação"

A posição inferior em relação às outras faixas de ensino como de 1º, 2º e 3º graus, que sempre caracterizou a educação pré-escolar na visão de administradores, e educadores da área federal e claramente percebida no termo usado para designar toda a orientação oficial destinada aos membros de zero a seis anos. O termo "pré-escolar reduz toda a educação dispensada a essa faixa de idade a uma simples etapa preparatória para ingresso no 1º grau.

INCONFORMISMO

Quem diz isso é a professora da Universidade Federal, do Espírito Santo, Maria Áurea que até o final do ano estará com sua tese de mestrado concluída sobre a educação pré-escolar na área do Espírito Santo. Inconformada com a desatenção que vem sendo dada ao problema do menor carente, que na maioria das vezes só consegue atingir determinados níveis de atenção, conhecimento e sociabilidade na escola, Maria Áurea cita dados estatísticos colhidos no ano de 74 no Estado do Rio de Janeiro, para demonstrar a incoerência da situação das crianças até seis anos de idade em termos de rendimento escolar.

"Apesar dos números muitas vezes não refletirem uma realidade, a estatística mostra que de 15.706.966 menores de zero a seis anos no Rio de Janeiro, um percentual menor do que 30 por cento está matriculado nas escolas da rede oficial de ensino, tanto municipal quanto estadual e particulares. Desses, 45 por cento dos matriculados estudavam nas escolas particulares, aumento que começou a ocorrer em 68, em detrimento das matrículas em estabelecimentos estaduais que baixaram de 61 para 54 por cento em apenas seis anos (68 a 74).

MINORIA

Mais alarmante ainda, continua Maria Áurea, é o fato das crianças dessa faixa etária oriundas da zona rural estarem a cada ano diminuindo sua participação nas escolas. Com relação às regiões brasileiras acontece a mesma coisa e os inúmeros do último censo realizado em 74 são claros: na região sudeste, onde o número de crianças matriculadas em escolas anteriores ao primeiro grau é maior, o percentual não ultrapassava os 5,69 por cento das em idades de frequentar as aulas (0 a 6 anos); na centro-oeste, a relação baixava para 3,64 por cento; sul 2,72 por cento; nordeste 1,99 por cento e norte 1,48 por cento.

Segundo a professora os dados permitem afirmar que cada vez mais é uma minoria que está sendo atendida em termos de orientação pré-escolar e que esse total é constituído basicamente de crianças privilegiadas economicamente. "Dai quando se diz que a universidade seleciona os alunos eu acho até engraçado, frisou. Na verdade, a diferenciação já começa desde a fase anterior ao primeiro grau, quando a criança entra em contato pela primeira vez com a escola e para onde muitas não conseguem voltar nunca mais".

Orientação deve ser primordial

"Para suprir exatamente as deficiências de uma inadequada formação familiar e permitir que cada um desses menores tenha um desenvolvimento global, através do respeito ao seu amadurecimento biológico e sensorial" é que a educação pré-escolar deve ser bem orientada", assegura a professora de Educação Física Terezinha Maria Giacomim, que desenvolve seu trabalho de mestrado diretamente com menores de idade até seis anos. "A existência de um comportamento estereotipado pesa muito na formação do educador e por essa razão me preocupa, sensivelmente a situação de certas escolas no Estado que, por não possuírem em seu quadro de professores pessoas com formação profissional adequada e certa maturação mental transferem para as crianças todas as suas inseguranças e comportamentos desajustados".

Dessa forma também o professor Paulo Roberto Gomes de Lima analisa a questão da orientação no período em que a criança entra na escola pela primeira vez. Em contato com crianças de níveis diversos, já que desenvolve seu projeto de desenvolvimento físico-motor na criança pré-escolar em escolas públicas e particulares. Paulo é seguro quando diz "que essa fase de aprendizado é a preparação para a vida, onde as necessidades da criança como ser pensante devem ser sempre levadas em consideração".

PROJETO

Partindo desse princípio, Paulo elaborou um projeto juntamente com duas outras professoras de Educação Física — Terezinha Giacomim e Maria da Graça Franchischetto — onde afirma que apenas com o desenvolvimento de três fatores que considera fundamentais a criança estará apta a progredir nas escolas de primeiro grau. Enumerando, são eles: o fator biológico, que diz respeito à maturação do organismo, conhecimento das potencialidades do

corpo; o fator psicológico (englobando o aspecto intelectual e afetivo e o aspecto social que se refere à informação captada, à habilidade desenvolvida e aos conceitos apreendidos). "Se os três aspectos são levados em conta numa educação pré-escolar, então existe verdadeiramente uma orientação pré-escolar", diz Paulo.

"Longe de exigir da criança uma série de comportamentos pré-determinados, a educação nessa fase deve considerar todas as necessidades vivenciais dos menores até os seis anos de idade, desenvolvendo atividades eminentemente lúdicas em espaços indeterminados", acentua Terezinha Giacomim.

OBSTÁCULO

A teoria desses educadores não seria incorreta se simplificada numa frase que já se tornou de uso comum: dar tempo ao tempo. "Exigir de uma criança mais do que ela pode dar como ser reflexo de seu conhecimento e vivência, é tolher irremediavelmente seu desenvolvimento como ser pensante", sintetiza Paulo Roberto Gomes, destacando o que os desinteresses de grande parte dos menores matriculados com a escola é função do seu sistema de ensino completamente diferente do seu conhecimento diário.

Os resultados de comportamento semelhante podem ser notados em inúmeras classes infantis, onde as crianças não dispostas a aprender a ler e escrever são tachadas como incompetentes, quando na verdade são as únicas que possuem "um certo senso crítico diante da realidade que lhes é apresentada", explica a professora Odete Cecília Alves Veiga, especializada em educação pré-escolar.

CRITÉRIOS

— Quando a criança tem o seu desenvolvimento gradual, de acordo com suas potencialidades, o escrever e ler vem como decorrência do seu aprendizado intelectual e ela estabelece critérios de julgamento — afirma. O contrário ocorre quando o professor

impõe a alfabetização como fim, desrespeitando seus desenvolvimento orgânico e corporal que nessa fase é muito mais atuante. "O que se pode observar, acentua Odete, é o baixo grau de rendimento escolar dos alunos de 2º e 3º graus e o nível de conhecimento cada dia menor dos que ingressam na Universidade. Nas classes de segundo grau é possível contar os estudantes que manifestam alguma atitude crítica diante do mundo, pois a maioria aceita sem discussões o que é proposto e ensinado". Entre as consequências de uma alfabetização mal feita ou incorretamente proposta ao aluno da fase pré-escolar (antes do primeiro grau), Odete Cecília cita as dificuldades de ortografia, linguagem e composição, caligrafia ruim, incapacidade para raciocínio, concentração, interpretação e leitura e influência negativa em seu comportamento futuro, marcadamente pela insegurança. "Esta fase, diz Odete, "deve se caracterizar pelos exercícios de desenvolvimento da criatividade, jogos dramáticos, percepção do mundo exterior, localização espacial-temporal, abstração de conceitos através de material concreto e exploração da motricidade".

DESENVOLVIMENTO INFANTIL

É levando todos esses pontos em consideração que o professor de Educação Física, Paulo Roberto Gomes de Lima, começou aplicando em 1977, o plano de desenvolvimento infantil em complexos escolares da Grande Vitória. Concluído há três anos com participação das professoras Terezinha Giacomim e Maria das Graças Franchischetto, logo a seguir foi colocado em prática nas escolas da Praia do Suá e da Glória (que atinge até a oitava série). Durante o tempo em que durou a experiência, reuniram mais 7.360 crianças na execução das novas atividades de educação física, afirma Paulo.

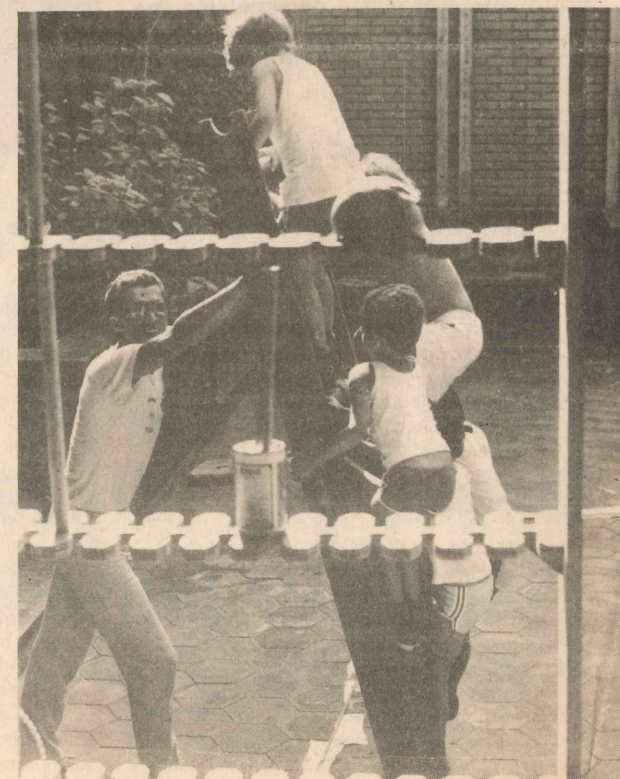
pré-escolar, a preparação considera sempre o menor como um todo, em seus vários aspectos de desenvolvimento, onde a interação dos fatores em jogo desempenha papel fundamental.

Suas atividades, desenvolvidas em crianças de diferentes faixas etárias e sociais, parte sempre dos exercícios físicos e das experiências do corpo para atingir as funções de linguagem, percepção, discriminação visual, auditiva, olfativa, tátil, orientação espaço temporal e lateralidade. Com sua experiência ao longo de quatro anos, o professor garante que muitas dificuldades de linguagem, movimentação e audição foram sanadas. O uso também de brinquedos e materiais pesquisadores pelas próprias crianças permite que o trabalho seja desenvolvido em qualquer situação, pois o menor aprende a lidar com o que se apresenta disponível ao seu redor e aguça a imaginação.

VALE TUDO

Nas brincadeiras infantis orientadas pelo professor Paulo, é comum encontrarmos bolas de jornal, de pano e de sacos de lixo ao mesmo tempo em que surgem instrumentos musicais originários de latas de mantimentos, caixinhas vazias de fermento, chocalhos de tampinhas de garrafa e tambores de cascas de cocos. Para a criatividade infantil tudo vale, lembra o professor. Os próprios atos de arrastar o corpo, sentar, engatinhar, andar, dançar, trepar, correr, pular permitem que a criança tome o primeiro contato com a sua capacidade muscular e se conscientize disso para seu controle quando necessário. Quanto à coordenação dos pequenos músculos, outra infinidade de atividades se apresenta para o desenvolvimento da criança, desde a pintura, recorte, colagem, perfuração, traçado, alinhavo até dobradura, traçado, abotoamento, colagem, etc.

Músicas, danças e cantigas de rodas, além da dramatização de histórias colhidas no dia a dia de cada menor são, na opinião de Paulo, fundamentais, até mesmo para a obtenção de conceitos e de habilidade geral para o raciocínio visando principalmente o estudo da Matemática. "Quando ensinamos uma canção, a própria criança ao entoar a melodia já reflete com o corpo o significado das palavras ditas. Isto permite que ela questione à própria idéia que ela possui do significado da palavra na medida em que outras crianças vão também repetir a música com movimentos corporais distintos", conclui.



Para desenvolver a criatividade da criança no pré-escolar tudo é válido